

Gros, estrela do maior devedor

MOISÉS RABINOVICI
Enviado especial

MIAMI — O grande salão de reuniões do Hotel Intercontinental de Miami ficou completamente lotado ao chegar o momento do discurso do presidente do Banco Central do Brasil, Francisco Gros. As 700 cadeiras estavam ocupadas e mais umas 200 pessoas permaneciam de pé nos corredores laterais. Mas como ele próprio não tinha ainda chegado, a palavra foi passada para o secretário da Fazenda e Crédito Público do México, Gustavo Petricioli.

A demora de Gros, a estrela desta 28ª assembléia do Banco Interamericano de Desenvolvimento, preocupava um de seus assessores mais próximos. "Será que ele vai agüentar?" perguntava, lembrando a maratona de compromissos na véspera. "Desde que chegou, não parou um minuto." Mas Gros surgiu pelo corredor, bem disposto, seguido pela comitiva de repórteres que o perseguem como o representante do país mais endividado do mundo, e de vários de seus assessores.

Fez um discurso normal e sem novidades para brasileiros. Mas ao terminá-lo — surpresa —, Francisco Gros foi demoradamente aplaudido, o que até aquele momento, nesse auditório, não tinha acontecido. A saída da delegação brasileira provocou uma retirada quase geral. Era a "solidariedade latino-americana": argentinos, guatemaltecos, colombianos e até portugueses cumprimentaram Gros. O Brasil, através do presidente do Banco Central, propôs "um diálogo que reconheça a sustentação do crescimento e a retomada dos investimentos".

No final de seu discurso, que durou 20 minutos, Gros declarou que "o governo brasileiro tem tomado e continuará tomando medidas extremamente severas sempre que forem necessárias. Mas, em contrapartida, é preciso que se reconheça que esta crise que enfrentamos não é de exclusiva responsabilidade dos países devedores".

Do BID mesmo, motivo da reunião em que Gros discursou, o Brasil teve pouco a dizer. Primeiro, que apóia a manutenção da sua característica de multilateralidade. E, de-

pois, que é preciso um aumento substancial do seu programa de empréstimos.

Na saída, a imprensa brasileira quis saber se era verdade que o Citicorp esteja mobilizando recursos para derrubar o ministro Fúaro, como teria publicado um jornal do Rio de Janeiro. Ele deu primeiro uma gargalhada. Depois, comentou: "Espero que os bancos cuidem de negócios e

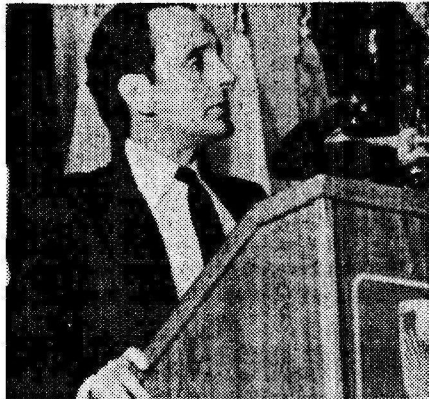
deixem os políticos cuidar de política, senão vai dar problema..." ele ainda acrescentaria, ao falar para uma TV brasileira: "um tanto quanto fantástica (a informação). Difícil imaginar uma coisa dessas".

Outra pergunta, consequência de rumores no Brasil, foi sobre se o comitê de Assessoramento dos Bancos Credores fez alguma exigência ou impôs alguma condição, como a de algum pagamento simbólico de juros, para negociar a manutenção das linhas de crédito de curto prazo, vencendo no próximo dia 31 de março.

Gros respondeu: "No momento, estamos simplesmente tentando conversar. Não chegamos no momento, ainda, de começar a discutir exigências".

— A manutenção das linhas de curto prazo teria limitação de algum prazo? — perguntelhe.

"Não, nenhum. É evidente que nós temos que rapidamente sentar e iniciar um processo de negociação com os bancos. Mas isto ainda não se iniciou. Não vamos criar uma celeuma em torno da questão do dia 31 de março".



Reuter

Gros: discurso aplaudido